

dramaturgos
portugueses
contemporâneos

0

PROFESSOR DE PIANO

Jaime Salazar Sampaio

1

ESCOLA SUPERIOR
DE
TEATRO E CINEMA

AUTORES PORTUGUESES, Nº 1

Colecção dirigida por José Valentim Lemos

© Jaime Salazar Sampaio, 1992

Edição: Centro de Documentação e Investiga-
ção Teatral. Lisboa 1992

Escola Superior de Teatro e Cinema

Grafismo: José Espada

Composição: Conceição Costa

dramaturgos
portugueses
contemporâneos

ULFLON 00223



0

PROFESSOR DE PIANO

Jaime Salazar Sampaio

1

ESCOLA SUPERIOR
DE
TEATRO E CINEMA

O PROFESSOR DE PIANO

Jaime Salazar Sampaio

O PROFESSOR DE PIANO, o primeiro dos textos escritos propositadamente para o ciclo "Peças Inéditas para 4 Actores", foi estreado no Salão Nobre do Teatro da Trindade de - INATEL em Dezembro de 1991.

Distribuição:

Clara (Elisabete Piecho); **Clarinha** (Eva Cabral); **Carlos** (Carlos Aurélio); **Carlitos** (Figueira Cid); **Pianista** (António Ferreira).

Espaço Cénico e Figurinos (José Carlos Barros); **Desenho Sonoro** (José Pedro Caiado); **Desenho de Luz e Direcção de Espectáculo** (Carlos Cabral).

PERSONAGENS:

Clara

Clarinha

Carlos

Carlitos

Pianista

Num espaço praticamente vazio, duas raparigas dobram lençóis. Clara e Clarinha são os seus nomes de guerra.

CLARA: Sonhei que tinha um professor de piano.

CLARINHA: No meu sonho, o professor de piano era esbelto, jovem, romântico e com grandes olheiras. (Pausa.) Mas, de repente - não te entusiasmes, rapariga! - mudava de aparência. (Pausa. Tom desanimado.) Barbicha, meia idade, fato escuro, raríssimos cabelos demasiado compridos e um rolo de papel de música - todo amarrotado - debaixo do braço. (Hesitando.) Levemente pedante, se não estou em erro. (Cada vez mais hesitante.) Genial, quem sabe... (A meia voz.) Ele há tantas coisas no meu sonho que eu não consigo recordar...

CLARA (Acabando de dobrar o lençol e ficando com ele nos braços.) Mas seria mesmo um professor de piano? (Pausa. Desdobra, num repente, o lençol e estende-o no chão, sentando-se em cima

dele. Sonhadora.) Ou apenas... sobretudo ... num certo sentido, num sentido secreto... o ruído do mar na minha cabeça? (Ouve-se, muito ao longe, um solo de piano, acompanhado pelo ruído do mar. Um tempo. A música e os ruídos cessam.)

CLARINHA (Sentando-se também em cima do lençol.) Curiosamente, o piano do meu professor de piano não entrava no meu sonho.

CLARA (Acariciando o lençol.) Algas. Algumas rosadas, outras cor de esmeralda. (Pausa.) E as ondas deslizando... Lentas, perfumadas... (Brevíssima intervenção do piano; mas agora mais forte, como que "ofendido".)

CLARINHA: Ravel. Era o seu preferido... E Schubert, 'tá claro, Chopin, o Tico-Tico... (Levantando-se.) Exímio pianista, podia ter sido o meu professor de piano, se no meu sonho houvesse um piano para ele tocar!

CLARA (Levantando-se também.) Seria então o próprio murmúrio das ondas aquela melodia? (Breve intervenção do piano, agora mais difusa, de mistura com o ruído

do mar.)

CLARA (Mal o silêncio se restabelece.)
Seria então o areal, a brisa marítima, as
rochas, o verdadeiro piano dentro do meu
sonho? (As duas raparigas levantam o
lençol do chão e voltam a dobrá-lo. Um
tempo.)

CLARINHA (Suspendendo o trabalho.) A
certa altura, o professor morria.

CLARA (Falando, pela primeira vez,
directamente para Clarinha: tom de leve
repreensão.) Ora, ora... Não se morre em
sonhos, minha amiga!...

CLARINHA (Peremptória.) Mas os sonhos
morrem! (Também pela primeira vez falando
directamente para a outra.) A minha amiga
sabe muito bem!

CLARA (Incitando Clarinha a retomar o
trabalho.) Não faça... ora, ora...
trapalhadas. (Obrigando Clarinha a
aceitar uma das pontas do lençol.) Agarre
aí na ponta, vá! E estique... Volte...
Dobre-o como deve ser.

CLARINHA (Aguerrida.) No meu sonho,
ninguém era obrigado a dobrar lençóis!...
Nunca!

CLARA (Ambígua.) Ah, sim?... Então era um sonho bastante agradável... (Clarinha, sorridente, concorda com um movimento de cabeça.)

CLARA (Subitamente severa.) O pior é que os sonhos agradáveis são os mais cruéis. (Obriga Clarinha a pegar no lençol e começam ambas a dobrá-lo. A seguir, pegam noutro lençol e dobram-no também. Sucessivamente dobram mais uns quantos lençóis, a um ritmo frenético. Esgotadas, interrompem o trabalho. Voltando as costas uma à outra, saem. Um tempo. Regressam, trazendo cada uma delas o seu banquinho. Clara traz também um caderno. Sentam-se, tão afastadas uma da outra quanto fôr possível.)

CLARA (Após um tempo de silêncio, durante o qual folheia o caderno, sorridente.) ...São os mais cruéis, os sonhos agradáveis. (Pausa. Largando o caderno.) Uma pessoa acorda a meio da noite, sai do casulo, não é... e olhando as paredes nuas do seu quarto, compreende que está tudo por fazer. (Agarra numa vassoura e começa a varrer a casa, numa fúria.) Tudo

por fazer... Tudo por fazer... (Pára de varrer. Observa a vassoura.) E é exactamente por isso que uma pessoa não se pode distrair. (Brinca com a vassoura, fazendo equilíbrios com ela.) Quero eu dizer: nem sempre se pode distrair... (A vassoura escorrega-lhe da mão e cai.) Ou então paga... e faz pagar aos outros... o preço da sua distracção. (Durante esta última fala arruma a vassoura a um canto. Um tempo. Com vivacidade, apontando a pilha de lençóis ainda por dobrar e dirigindo-se directamente a Clarinha.) Já pensou, por exemplo, o que seria deste mundo sem milhões de milhões de lençóis dobrados? (Clarinha vai a dizer algo mas Clara não lhe dá tempo.)

CLARA (Prosseguindo.) Como é que a humanidade podia dormir? (Pausa.) Dormir, sim. Sonhar, fazer amor...

CLARINHA (Ganhando coragem para intervir, impertigada.) Ele há montes de pessoas que não têm cama... Quanto mais lençóis?!

CLARA (Com amável severidade.) E, em seu entender: será essa a situação ideal?... Parece-lhe justo, minha amiga?...